



## 10º UNICULT

### ENDÓGENO

#### Autor(es)

---

BRUNO PIRES DE OLIVEIRA

#### Desenvolvimento

---

“Ensimesmar-se”, segundo contou-me um velho sábio chamado *Mestre Dicionário*, significa “meter-se consigo”. O vocábulo é belo, a definição é linda! É como se alguém, brilhantemente, tivesse coadunado a frase “em si mesmo” em uma única palavra. Gosto especialmente desse vocábulo, pois, creio que é um dos poucos que possui a incrível capacidade de exprimir muitas coisas que sinto e vivencio. Precisaria escrever vinte páginas para descrever o que essa palavra expressa com apenas algumas letras.

O nome que minha mãe me deu é *Amaterasu*, nome da deusa japonesa do sol (engraçado, não? Geralmente as divindades solares são masculinas. *Amaterasu* é exceção). Mas, *Mazu*, é o nome que dei para mim mesma, nome da deusa chinesa do mar. O sol está relacionado ao fogo. Eu gosto do mar. Acredito que todo sujeito deveria fazer o mesmo: dar um nome para si mesmo. Ninguém precisa saber, somente o *Eu* quando conversa consigo. Devemos ser autores de nossas vidas, porque não de nossos nomes?

Tenho um barquinho e um remo, eram de meu avô. Conheço um local na praia, onde não reinam banhistas nem pescadores. Todas as tardes, quando o tempo está sereno, eu navego com meu barco. Vou até determinado ponto, não muito longe da costa, apenas onde não ouço nada, além do som das águas e, às vezes, de algumas aves marinhas. Quando constato que sou senhora de minha solidão, então, largo o remo dentro do barco, e, deixo as águas carregarem-me

Nomeei meu barquinho de *Nautilus*, ou seja, plagiei o nome do submarino do Capitão Nemo, descrito nas *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne. Gosto de encarar meu barquinho como um *submarino*, pois, mesmo na superfície, ele leva-me a alcançar profundezas. Em meu *Nautilus*, vou “ensimesmar-me” quase todas as tardes.

Sempre levo um livro, pois, a mistura alquímica entre uma obra, eu, o *Nautilus* e o mar, gera facilmente “ensimesmação”, mas, muitas vezes, posso “ensimesmar-me” apenas contemplando o céu ou o mar-sem-fim. A única regra, é que preciso estar em minha “igreja flutuante” para meter-se comigo mesma.

Em uma dessas tardes de “ensimesmação”, deitei no barco e fechei os olhos por alguns minutos. Depois de certo tempo, senti vontade de levantar-me e abrir as comportas da visão. Quando o fiz, percebi que uma gôndola negra vinha em minha direção, conduzida por uma figura encapuzada. Olhei assustada para a costa, avaliando a distância, depois de certificar-me de que não estava sonhando.

– Não vá, *Mazu*. Ouvi da voz cava e gelada que conhecia o nome que eu havia dado para mim mesma. Somente eu sabia meu nome íntimo e mais ninguém! Como era possível? Essa perplexidade apoderou-se de mim, afugentando todo o meu medo.

– Como sabe que me chamo *Mazu*?!

– Eu sou a Morte, sei tudo sobre ti, estou sempre contigo quando pensas na vida, pois, que é a vida senão a Morte?

– Não sabia que a Morte era metida à filósofa. O medo, após se transformar em perplexidade, sofreu rápida mutação para uma impulsiva raiva. Constatei rapidamente que, um momento irônico clamava por mais ironia agressiva.

A “Morte” riu. Uma risada que mesclava perniciosidade, felicidade e simpatia. Meu coração disparou quando vi a face esquelética, as mãos e os dedos, puros ossos, e a gadanha no fundo da gôndola. Aquilo era tão estranho! Tudo era mistura! Sentia medo, ao mesmo tempo achava engraçado, simultaneamente, sentia raiva de mim mesma por sentir medo, e, contemplava a situação como um desafio: queria entrar em contato com essa que se autoneameava “Morte”, finalmente, perguntava-me sempre, entre uma sensação e outra, se estava sonhando, ou, se tudo não passava de uma brincadeira. Como é possível que tantos sentimentos sejam concomitantes? O que sou? Um caldeirão de um feiticeiro que mistura poções e ervas dentro de mim? Constato que sempre foi assim, não somente nesse momento inusitado: nunca sinto apenas um único sentimento, são sempre três ou mais, e eles pugnam pelo controle de minha mente.

– Por isso gosto de você *Mazu*! Observe a forma como você responde a essa peculiar situação! Nos dias de hoje, muitos morrem, como sempre, mas poucos pensam na morte, o que é uma estupidez. É estupidez não meditar sobre mim (aliás, gostaria de salientar, que a UNESCO deveria declarar a estupidez como patrimônio cultural da humanidade). Dentre os poucos que meditam sobre mim, em suas “ensimesmações”, infelizmente, posso apresentar-se somente para alguns. Um dia desses tentei conversar com um homem

que elucubrava sobre mim. Quando ele me viu, simplesmente ficou de joelhos e começou a rezar! Mas, não foi pior do que ocorreu quando tentei me comunicar com uma mulher de certa cidade há três anos: após gritar tudo o que suas pobres cordas vocais poderiam suportar, simplesmente tirou toda sua indumentária, (ficando mais nua do que eu!) e, saiu correndo pela rua! Há! Como me senti culpada! Gosto tanto de conversar, além de exercer meu trabalho de ceifar vidas! E, infelizmente, ultimamente não tenho tido a oportunidade de uma boa prosa. Sou muito sozinha, sabe? Claro que já consegui conversar com muitos, dentre os quais, um sujeito chamado Raul Seixas (já ouviu as músicas dele? Por sinal, dedicou uma especialmente para mim! Um tango, quem diria?!), também conversei com um tal de Nietzsche. Muito simpática e autêntico, porém, reservado. Gostava muito de seu bigode (por que os homens não usam mais bigodes e barbas? Eu apreciava!). Gostaria de destacar outro conhecido meu: José Saramago. Este escreveu uma obra de ficção literária sobre mim (recebeu inspirações de nossas conversas), obra muito engraçada e construtiva, eu recomendo! Há! Como pude esquecer-me de Schopenhauer, Kierkegaard e Anton Lavey?! Pessoas encantadoras! Obviamente, sendo eu uma mulher, não poderia esquecer-me de mencionar também, algumas das mulheres que conversei (há! Se os machistas soubessem, que uma mulher de gadanha os levará a todos!). Gostaria de mencionar Simone de Beauvoir, que, se tornou feminista após entrar em contato comigo! Ela concluiu, após nossa longa conversa, que, se a Morte é uma mulher, que direito tem os homens de subjugar as mulheres na sociedade? Também conversei com Selma Lagerlöf, Ayn Rand, Theda Bara, Blavatsky, e muitas outras. Depois de um longo silêncio, a Morte recomeçou a matracar:

– Posso lhe assegurar que todas essas pessoas que mencionei, nunca disseram nada sobre nossos encontros, não de forma direta. Ora, essa era justamente minha condição: avisei a todos, que, se contassem a alguém sobre nossos encontros, ceifaria suas vidas mais cedo. Mas, com você Mazu, farei diferente. Permitirei que você conte sobre nosso encontro, se quiseres, é claro. As pessoas dizem tantas coisas naquela caixa luminosa, e, no que vocês chamam “internet”, que, se você contasse sobre nosso encontro, ninguém acreditaria. Hoje, mas do que em qualquer época, tudo é mentira. Não tenho mais a preocupação de outrora.

Após ouvir as lamúrias e tagarelices da Morte, senti-me ainda mais intimorata: – A senhora conversou com muitos sábios loucos e loucos sábios, mas, creio que precisa ler sobre o conceito de SILÊNCIO do filósofo Mauthner!

A morte encarou-me com aquele jeito triste das crianças, quando pedem desculpas para os adultos com o olhar.

– Perdoe-me, mas, é muito fácil para você dizer isso, não Mazu? Porventura tenho um psicanalista no submundo? Não! Meu divã é minha solidão. Às vezes beiro à loucura e converso com minha gadanha, mas, obviamente, ela não responde. A solidão é algo muito prazeroso e criativo, você sabe! Somente na solidão, de preferência em silêncio, lendo um bom livro, contemplando o horizonte, podemos “ensimesmar-nos”. Mas, precisamos conversar também, não?! Ademais, não somente o silêncio promove “ensimesmação”! Eu, particularmente, gosto de ensimesmar-me ouvindo um bom rock gótico. Obviamente, ensimesmar-se é algo pessoal. Meu fado, querida vivente, é nunca poder morrer (bom, sempre fico extremamente confusa com relação a isso, pois, já estou morta, ou melhor, sou a própria Morte. O fato é que, estou sempre por aqui), Nada é mais enfadonho, acredite-me! Sábio foi Quirão que recusou a eternidade, evitando, dessa forma, o perene tédio!

– Tudo bem. Perdoe-me a grosseria senhora Morte. Se bem que, a senhora fará algo muito mais grosseiro comigo no futuro: ceifará minha vida um dia, não?

– Fatalmente. Ela sorriu. – Esse é meu trabalho, sei que é clichê de assassinos e corruptos, mas é sincero: não é nada pessoal!

Ela limpou a garganta e prosseguiu: – Mas, pense pelo lado bom! Quando eu te levar (e, não será na tarde de hoje), você não morrerá nunca mais (não sei quem disse isso, mas, já morreu). Nosso encontro também desfaz aquela imagem da Morte malévola, e, o principal: faz-te reavaliar a vida! Eu sou um Memento Mori sem carne e com osso! Ao vivo e com poucas cores, só para ti!

– Tenho que concordar com você dona Morte. Sei que no fundo, a senhora quer amigos para atenuar seu fado: a solidão, que é fruto de sua condição: a eternidade (pelo menos enquanto houver vidas para a senhora ceifar, pois, se não há vida, não há morte, creio eu). Mas, sua intenção secundária é louvável. Acredito, como a senhora, que, para os viventes, reavaliar a existência é fundamental. A morte, de repente, fechou seu semblante. Perdendo o ar simpático e humorístico de outrora, ficou extremamente séria:

– Sim, exato! Os que não pensam na morte, também não refletem sobre a vida. É o que eu lhe sugeri ao início. Você alcança grandes profundidades com seu “Nautilus” Mazu, mas, tua época, em particular, é, acima de todas que já vi, um tempo de ilusões, superficialismo, e anestésias. Enquanto ando pelas ruas com meu cavalo negro, fico estupidificada! Todos estão sempre falando nos “telefones celulares”, às vezes, preciso ceifar alguns, antes do tempo previsto, devido a essas ferramentas de comunicação: uns atropelam, outros são atropelados, mas, isso não vem ao caso, refiro-me aqui, ao superficialismo, isolamento e escravidão que esses instrumentos impõem ao gênero humano! Mais repugnantes que os celulares são as chamadas “redes sociais”. Avise os viventes que possuem “facebook”, “orkut”, ou outras coisas do mesmo jaez, que, não haverá “seguidores” após a Morte! Só uma coisa é mais nojenta que os celulares e as redes sociais: um híbrido entre os dois chamado “smartphone”! Essa quimera de várias cabeças e chifres, ainda vem acompanhada de câmera fotográfica, o que aumenta mais o doentio elemento imagético. Oh! Pobres narcísicos mentecaptos!

– Sim, sim... Respondi sorrindo, enquanto divertia-me interiormente com a revolta da Morte. – Como a senhora desejar! Eu avisarei da melhor forma possível. Gostaria de destacar, que, achei interessante o ponto de vista crítico da senhora. Permita-me lhe fazer uma pergunta, para fins de satisfação de minha curiosidade: e os jornais, o que a senhora tem a dizer a respeito?

A Morte, voltando a sorrir, pareceu entusiasmar-se devido ao meu interesse por sua opinião.

– Bom, minha cara vivente, os jornais são a ilusão do constante presente. Não abomino totalmente a leitura de jornais, apenas saliento que, os jornais oferecem a ilusão de nunca se morrer. Tenha consciência disso! A atualização constante, sem crítica lenta, corresponde a essa ilusão. Nunca se aflija, por atualizações perpétuas, rápidas e simultâneas. Notícias realmente importantes ou ruins, como dizem, chegam até você a galope!

---

Ela acrescentou, balançando e apontando para mim, seus dedos brancos e nodosos, compostos apenas de ossos: – *Recomendo que você leia literatura, mormente! Estou nas melhores obras, você sabe! O título da obra prima de Machado de Assis, por exemplo, começa com “Memórias Póstumas”. A literatura te colocará em contato comigo.*

Anoitecia, minha família aguardava-me no reino da terra, precisava retornar:

– *Senhora Morte, foi um prazer conversar, mas, preciso voltar para casa. Não sei se nos encontraremos antes do meu último suspiro...*

– *Muito provavelmente não Mazu. Segundo as leis do universo, posso aparecer apenas uma vez para cada vivente (antes do encontro final). O prazer é recíproco, gostei demasiadamente de nossa conversa. Lembre-se de mim!*

– *Viva, em minha memória, tu estarás Morte.*

A gôndola da Morte se afastou. Retornei lentamente para a terra. Desci nas águas rasas e puxei o *Nautilus* até a costumeira árvore onde o amarro. Caminhei até minha casa, levando para além do *Nautilus* e da águas, minha "ensimesmação".